



## Da Sabedoria das Árvores Parte II:

### Arbustos e Árvores da Lvsitânea: Exemplos de Virtude para Uma Egrégora Lusitana

Por Vate Arhuanië Adaltena

Na primeira parte da nossa reflexão, publicada no número anterior da RTL, demos-lhe a conhecer, caro leitor e cara leitora, a *Árvore-Símbolo* da Tradição Lusitana ou *Árvore Lusitana*, designação atribuída pelo nosso Arqui-Druida /\ Adgnatios ao Carvalho Lusitano (Sobreiro e Azinheira), no que se refere aos seus aspetos simbólicos e ainda como excelso exemplo de renovação e regeneração face às adversidades. Porém, outras árvores e arbustos partilham com a *Árvore Lusitana* os mesmos locais, sendo bastante comum ver o Sobreiro e a Azinheira ladeados por Zimbros, Oliveiras e Zambujeiros, Medronheiros, Sanguinhos, entre outras e outros que constituem no seu conjunto os bosques e matas lusitanas.

Isto posto, e tendo em consideração a importância que as Árvores assumem na nossa Tradição, propomos-lhe, caro leitor e leitora, que se deixem levar aos Campos da Lvsitânea, para que possamos juntos aprender com os Arbustos e Árvores Sagradas da Tradição Lusitana, através da sua observação e do entendimento da sua sabedoria e ‘arvorecer’, o que é ser virtuoso. Apesar das evidentes diferenças entre os Humanos e as Árvores, tal não obsta a que possamos considerá-las um exemplo de virtude e fonte de aprendizagem, o que nos leva a colocar a seguinte questão, que em certa medida configura o assunto desta meditação: como é que a partir desse exemplo podemos relacionar os Arbustos e Árvores Sagradas aos graus iniciáticos funcionais da ATDL?

Tentando responder a esta questão, a nossa ‘viagem’ meditativa iniciar-se-á com a apresentação da distinção funcional dos graus iniciáticos da ATDL; seguidamente iremos abordar a Ética Espiritual Céltica, pois não é possível



compreender a organização e o funcionamento de uma Egrégora sem conhecer a ética que a sustenta. Veremos, ainda, as razões que nos levam a considerar as nossas Árvores Sagradas como exemplos de virtude e terminaremos este nosso périplo reflexivo dedicando-nos à compreensão do significado simbólico dos arbustos e de algumas árvores em particular no seio da Tradição Lusitana.

## **Egrégora Lusitana - Campo de Realização de Sentido Espiritual**

A respeito da Egrégora, transmitiu-nos o nosso Arqui-Druida /\ Adgnatios o seguinte ensinamento: “Egrégora é palco [Campo] onde o ser se pode constituir como ser espiritual”<sup>1</sup>.

Uma verdadeira Egrégora concebe e dispõe, equitativamente, as condições necessárias a todos os seus membros para que estes desenvolvam as suas apetências e valências singulares, isto é, possibilita que cada um responda adequadamente ao seu projeto vocativo, o qual diz respeito não só à sua construção enquanto pessoa, mas, fundamentalmente, à construção da sua identidade espiritual, a qual o torna verdadeiramente humano e nos informa de uma possibilidade de transcendência. Neste sentido, a ATDL assume a figura do *Pagus* ou ‘Campo Lusitano’ acolhedor, afetivo e promotor de segurança, onde, após ocorrida a germinação da semente, cada arbusto e cada árvore se poderá ser naturalmente, por via das relações de cooperação gregária fomentadoras e promotoras de *irmanação*. Arbustos e Árvores assim *irmanados* tornam o Campo Lusitano, concomitantemente, mais fértil e mais fertilizante, mais produtivo, enfim, Bosque.

Pela observação atenta dos Campos da Lvsitânea, verificamos que neles cada Arbusto e cada Árvore são portadores de uma função específica, não havendo valorização de umas em função de outras. Visando obedecer ao ensinamento obtido pela observação atenta da natureza, a ATDL estabeleceu uma categorização ou distinção por graus que dizem respeito à

---

<sup>1</sup> Testemunho oral do Arqui-Druida /\ Adgnatios.



## ASSEMBLEIA DA TRADIÇÃO DRUÍDICA LUSITANA

<https://www.atdlusitana.org/>

funcionalidade própria e singular de cada membro<sup>2</sup>, que designaremos de *Caminhante Lusitano*.

As Antigas Tribos Célticas sempre apresentaram uma categorização funcional, em virtude de sempre observarem uma Ética radicada nos Princípios arquetípicos que fundamentavam e orientavam a sua ação com vista ao exercício de uma virtude espiritualizada. Neste sem-tido, a nível social distinguiram-se três classes: a sacerdotal, a guerreira e a trabalhadora<sup>3</sup>, sendo que esta última subsumia os artesãos, os agricultores e todos os outros que se dedicavam à produção dos bens para a comunidade; e na dimensão espiritual distinguem-se as categorias de graus iniciáticos ou níveis de evolução de consciência<sup>4</sup>.

Tratando-se de uma categorização horizontal subentende-se, ainda assim, a existência de uma razão vertical que une os graus na sua dignidade e os diferencia na sua especificidade. Essa razão vertical pode ser entendida como um ‘Rio’ que tem Fonte ou Nascente no “Mundo da vida segundo o Espírito”, pelo que, a sua água é transportadora de sentido espiritual e poderá ser ‘bebida’ por todos os membros da Egrégora. Contudo, cada *Caminhante* ‘beberá’ em partes diferentes do ‘Rio’, pois cada um relaciona-se com este de acordo com a evolução da sua alma. De modo a entender tal afirmação vejamos o seguinte: um Vate não adquire mais importância ou não tem mais valor que um Discípulo-aceite, pois ambos são aquilatados pelo valor da ação na função que lhe corresponde. Tal valor ou virtude, pois esta é entendida como valor em ato, depende da adequada interpretação que é possível fazer dos Princípios em cada um dos graus e da sua correspondente aplicação na ação, sendo o valor da ação sempre ‘pesado’ em relação ao seu Valor Universal. Deste modo, a Tradição

---

<sup>2</sup> A este propósito Cf.: Arqui-Druida /\\ ADGNATIÓS; «Afluentes de um Bem-Maior: A Tradição Primordial como Centro Gravítico de produção e transmissão de Sapiência ou Fluxo de Sentido Benfazejo pelos Tempos», in *A Revista da Tradição Lusitana – A Espiritualidade Hiperbórica*, Centro Druídico da Lvsitânea - Assembleia da Tradição Lvsitana, Número 2, Maio, 2017, p.17.

<sup>3</sup> Cf.: Gabriela MORAIS; *Lisboa Guarda Segredos Milenares – Santa Brígida, Uma Deusa Céltica no Lumiar*, Apenas Livros, Lisboa, 2011, p.18.

<sup>4</sup> Poderá consultar a Tabela 1 – Graus Iniciáticos da Tradição Lusitana, apresentada no final desta nossa exposição reflexiva.



Céltica Lusitana é, por um lado, o ‘Rio’ que une e nutre todos os *Caminhantes* como “eixo de amarração” do *Caminhante* ao sentido da essência dos Princípios; por outro lado, ela é fluxo.

Para uma melhor compreensão deste mesmo assunto, e respeitando o tema do nosso ensaio reflexivo, recorreremos à metáfora da *Árvore*, mas invertendo a orientação natural desta. A Tradição, agora apresentada como *Árvore invertida*, sustenta as suas raízes nos Princípios e desenvolve o seu tronco por via de movimentos verticalmente espiralados, o que lhe permite acompanhar o dinamismo do Fluxo Energético Universal e assumir-se, por via do tronco, como eixo de ligação entre o Céu e a Terra. As pernadas já nos informam da horizontalidade da *Árvore*, pois retratam o acontecer da Tradição ao longo dos tempos, as decisões e caminhos, sendo a partir delas que se formam os ramos. Ramos que podemos fazer corresponder, simbolicamente, aos *Caminhantes Lusitanos* que por via do seu acontecer pretendem ser *ramos-árvore* ao invés de *ramos-galhos*. Este termo, *ramos-galhos*, foi apresentado pelo nosso Arquidruída<sup>5</sup> e refere-se a todos aqueles que tendo assumido a pertença à Tradição não honraram o juramento por si feito, não deram a resposta adequada às condições que lhes foram dispostas, nem aplicaram os ensinamentos que lhes foram transmitidos para fazerem evoluir a sua alma e as dos seus companheiros, resumindo, não foram ramos através dos quais a Tradição pudesse crescer e dar frutos. Os frutos gerados pela *Árvore-Tradição* permitirão não só nutrir a alma de cada *Caminhante* como renovar compromissos de transcendência, tornando as raízes cada vez mais unas com os Princípios.

Uma Tradição pode ser entendida como a que apresenta a interpretação mais adequada e fiel dos Princípios e que através do seu acontecer ao longo dos tempos a plasma corretamente na sua ação, razão pela qual a Tradição Lusitana se tornou numa referência virtuosa de ação. A este respeito clarifica-nos /\\ Adgnatios: “A Tradição apresenta-se como núcleo guardião

---

<sup>5</sup> Cf.: Arquidruída /\\ ADGNATIUS, «Da sabedoria das Árvores – ou dos ramos que afinal eram galhos», publicado no grupo da ATDL a 13 de Novembro de 2016.



do sentido mais adequado dos Princípios Transcendentes, não inteligíveis na sua totalidade, pela consciência humana.”<sup>6</sup>

As interpretações e parâmetros dispostos pela Tradição Lusitana permitem que cada *Caminhante* atualize os seus *referenciais*, de modo a que haja uma co-adequação entre estes e os Princípios Arquetípicos. No entanto, devido às circunstâncias, contingências e vivências únicas, face ao fundamento que é comum a todos os *Caminhantes*, cada um construirá *referenciais* distintos, mas não menos adequados quando alcançado o correto sentido da Essência. Assim, numa primeira fase, o Marcassin deverá abrir os seus *referenciais* e torná-los permeáveis aos novos sentidos e significados que lhe são propostos pela Egrégora, de modo a que nos graus iniciáticos seguintes seja possível realizar uma série de atualizações e sínteses que se manifestarão através de ação virtuosa repleta de sentido espiritual.

A atualização dos *referenciais* ocorre através de um processo designado pelo nosso Arqu-Druida como *Triangulação Espiritual Fundamental do Humano*, processo que marca a diferença entre um *ser espiritualizado* e um *ser não espiritualizado*. Esta *Triangulação* permite ao *Caminhante* referenciar os seus *referenciais* quer em relação aos Princípios quer em relação à ação ou referência, e atualizá-los sempre em função dos Princípios ou adequação das referências. Só por via destas atualizações poderão ocorrer *Movimentos de Transcendência Espiritual*.

## O ‘Arvorecer’ virtuoso

À semelhança do *Caminhante Lusitano*, os Arbustos e as Árvores também estão sujeitos a um processo de maturação, evolução e transcensão, pois, do mesmo modo que os passos de um Druida jovem são diferentes dos de um Druida ancião, uma árvore jovem não tem ainda desenvolvidas muitas das estruturas e valências de uma árvore adulta.

---

<sup>6</sup> Testemunho oral do Arqu-Druida /\\ Adgnatios.



A ATDL definiu as características dos seus graus funcionais a partir dos ensinamentos obtidos pela observação do ‘Arvorecer’ de cada Arbusto e cada Árvore Lusitanos. Arbustos e Árvores partilham, assim, ainda que de modo figurado, atributos e valências com o grau funcional correspondente.

Vejamos, então, como os Arbustos e as Árvores se relacionam com os graus iniciáticos da Tradição Lusitana.

O crescimento dos Arbustos Lusitanos ao redor dos azinhais e sobreirais permite o afastamento de pragas que adoecem as frondosas Árvores e ainda lhes proporcionam determinado resguardo. Por seu lado, os Discípulos dispõem-se de modo a formar o Circulo Sagrado aquando das Cerimónias, ou seja, são os Discípulos que delimitam o *Útero Sagrado* no qual decorre o processo de geração/gestação próprio de cada celebração. Neste sentido e estabelecendo a relação simbólica entre Arbustos e Discípulos, podemos inferir que os *Discípulos-arbustos* não são somente delimitadores do espaço sagrado como são seus protetores, mantendo-o resguardado, impenetrável e conferindo-lhe uma misticidade própria sem, no entanto, o ocultarem. Os *Discípulos-arbustos* constituem, assim, o círculo defensor e protetor da *Árvore Lusitana*, sendo esta a representação simbólica do nosso Arquidruida, possibilitando-lhe officiar abrigada. Em simultâneo, a *Árvore Lusitana* proporciona aos *Discípulos-arbustos* sombra, abrigo, protegendo-os quer do intenso calor do Sol quer do frio gélido, e doa-lhes também alguns dos nutrientes fundamentais ao seu crescimento. Compreendendo o sentido desta metáfora, constatamos que o nosso Arquidruida transmite sempre os ensinamentos e as ferramentas necessárias à evolução dos *Discípulos*, de modo a que estes possam honrar o seu juramento.

Em relação às Árvores vejamos em concreto o caso do Teixo, da Bétula e da Avelaneira.

O Teixo<sup>7</sup> (*Taxus baccata*) adequa-se ao grau funcional de Chefe Dragano, designação lusitana para “Chefe-Dragão”, que tem como atributo simbólico

---

<sup>7</sup> Curiosa é a designação de Teixo em céltico, *Eburos*, e se tivermos em consideração a distribuição geográfica antiga dos teixos, não é de descartar a hipótese do nome da cidade de «Évora» ter tido aqui a sua origem, tal como aponta José de Encarnação ao relacionar *eburo* com os topónimos *Ebora* e *Eburobritium*. De tal ligação, poderemos



ser o ‘Guardião da Imortalidade’. Este atributo subentende que o *Caminhante* seja portador de um carácter de incorruptibilidade e integridade, carácter que se encontra bem manifestado na referida Árvore, sobretudo devido à dureza da sua madeira e resistência ao apodrecimento, tendo sido por tal usada, pelas Antigas Tribos Célticas, no fabrico de escudos, lanças e arcos. Por todo o simbolismo inerente, intui-se que a responsabilidade do Dragano é ser o garante da observância dos Princípios pela Egrégora Espiritual aquando das celebrações. Deste modo, o Dragano não deve permitir que o espaço sagrado (Nemeton) seja corrompido com atitudes profanadoras, entendam-se, atitudes carregadas de juízos preconceituosos que impedirão a adequada relação com as nossas Deidades e outras entidades, comprometendo o processo de evolução espiritual de todos os presentes.

A Bétula, árvore que foi considerada pelos antigos povos como a “Senhora dos Bosques”, é a representante do trânsito de Êubage quando este é percorrido por um elemento feminino. Êubage não é um grau funcional, mas um estágio transitório entre graus, no qual se dá a aquisição de conhecimentos, estruturas e saberes essenciais à transição para o grau de Sacerdote/Sacerdotisa Druida.

Durante este trânsito, o caminhante é constantemente convocado a demonstrar a sua humildade, a sua dedicação e o seu vínculo à Tradição, o que implica constantes *movimentos de transcensão* e renovação do compromisso vocacional. Tais *movimentos* encontram-se simbolicamente bem representados pela constante renovação do tronco da Bétula. O *Caminhante* que efetua este trânsito já colocou as suas aptidões e valências ao dispor do *Bem da Egrégora* e busca agora colocá-las ao serviço da realização do *Bem-Espiritual*.

Afeta-se a Avelaneira (*Corylus avellana*) à função de Vate quando se trata de um elemento do género feminino. Esta Árvore foi associada pelas

---

depreender a importância quer do Teixo quer da referida cidade para as Tribos Lusitanas. Cf.: José ENCARNAÇÃO; «Eburóbriga, "Cidade" do Teixo», in *Revista do Museu de Arqueologia Municipal José Monteiro*, Fundação, 2008, no 5, p.110.

- ARHUANIÈ ADALTENA - “DA SABEDORIA DAS ÁRVORES PARTE II: ARBUSTOS E ÁRVORES DA LVSITÂNIA: EXEMPLOS DE VIRTUDE PARA UMA EGRÉGORA LUSITANA”, IN *A REVISTA DA TRADIÇÃO LVSITANA Nº3 - O REDESPERTAR DA PAN-CÉLTIA*, NOVEMBRO 2017, PP. 52-65.



## ASSEMBLEIA DA TRADIÇÃO DRUÍDICA LUSITANA

<https://www.atdlusitana.org/>

Tribos Célticas às faculdades da visão e da intuição<sup>8</sup>, o que resulta na sua associação à via intuitiva e divinatória<sup>9</sup> do Vate. As qualidades ou faculdades indicadas são inatas, mas poderão otimizar-se através do estudo aprofundado das Leis Universais, o que permitirá um acompanhamento do Fluxo Energético Universal e uma correta interpretação dos sinais, tal como nos testemunha Celios, Vate da Assemblée du Chaudron des Druides, França:

“Il étudie, observe, perçoit, analyse et expérimente ces lois naturelles afin de les comprendre pour s'y conformer. Car oui, l'un des objectifs de la voie du vate est de comprendre les lois de l'Univers pour y conformer sa propre vie et les enseigner aux autres. De par sa compréhension il est donc le gardien de ces lois et de leur équilibre. [Ele estuda, observa, percebe, analisa e experimenta essas leis naturais de modo a compreendê-las para se adequar a elas. Porque sim, um dos objetivos da via do vate é entender as leis do Universo para se adequar à sua própria vida e ensiná-las aos outros. Pela sua compreensão, ele é, portanto, o guardião dessas leis e do seu equilíbrio.]”<sup>10</sup>

De forma a transmitir tais ensinamentos aos seus companheiros, auxiliando-os no seu caminhar em *Imram*, o Vate deverá alcançar um rigor e clareza de pensamento e um discurso simples e assertivo, processos que por vezes poderão demorar algum tempo. É então preciso perseverança e coragem, pois mesmo quando os resultados do seu trabalho demoram a aparecer, tal como os frutos da Avelaneira, o Vate não poderá deixar de lutar para alcançar e plasmar a sua verdade. Surgem as avelãs, em sentido figurado, como as portadoras da sabedoria e dos segredos do Universo, representando, assim, os frutos do longo trabalho e dedicação do Vate.

Já próximo do término da nossa ‘viagem’ meditativa, constatamos que a grande diferença entre o Humano e a Árvore poderá residir no facto de esta

---

<sup>8</sup> Jean CHEVALIER e Alain GHEERBRANT; *Dicionário dos Símbolos – Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, tradução de Cristina Rodrigues e Artur Guerra, Teorema, Lisboa, 1994, p. 102.

<sup>9</sup> Cf. ADGATIA VATOS; «Porquê Espiritualidade Atlântica», in *A Revista da Tradição Lusitana – A Espiritualidade Hiperbórica*, Centro Druídico da Lvsitânea - Assembleia da Tradição Lvsitana, Número 2, Maio, 2017, p.43.

<sup>10</sup> CELIOS; «La voie du Vate: la voie Lunaire», in *A Revista da Tradição Lvsitana – A Espiritualidade Hiperbórica*, Centro Druídico da Lvsitânea - Assembleia da Tradição Lvsitana, Número 2, Maio, 2017, p.66.





## ASSEMBLEIA DA TRADIÇÃO DRUÍDICA LUSITANA

<https://www.atdlusitana.org/>

ser dotada de uma ‘consciência natural’ imaculada. Deste modo, o diálogo entre a ‘consciência natural’ da Árvore e os Princípios, bem como as interpretações feitas por essa mesma consciência ocorrem por via da sua *inteligência ativa*. Assim, as interpretações não estão dependentes da subjetividade do entendimento, como no caso do Humano, podendo as Árvores Sagradas da Tradição Lusitana manifestar adequadamente as suas qualidades e aptidões essenciais, o que resulta num acontecer virtuoso natural.

Podemos aferir que o grande desafio e compromisso do *Caminhante Lusitano* são a luta pelo alcance da interpretação mais adequada e fiel dos Princípios e a sua aplicação na ação benfazeja, de modo a alcançar a conexão com a sua própria natureza e, a partir desta, com o que é Natural, sempre na persecução do Sentido Universal.

Almeja a ATDL que todos aqueles que se encontram no seu seio possam ser agentes de virtude e que por meio do seu acontecer benfazejo possam servir de referência à Humanidade, contribuindo para um Mundo humanamente mais digno.

**Tabela 1 - Graus Iniciáticos da Tradição Lusitana**

<b>Graus Iniciáticos</b>	<b>Arbustos / Árvores Lusitanas correspondentes</b>
<b>Marcassin</b>	Semente-menino Semente-menina
<b>Discípulo-aceite (Pequeno-arbusto)</b>	Rosmaninho / Alecrim / Sanguinho / Urze
<b>Discípulo-vestido (Arbusto-maior)</b>	Pilriteiro / Murta / Sanguinho / Medronheiro
<b>Vate</b>	Zimbro Lusitano Avelaneira
<b>Bardo</b>	Abrunheiro Macieira



# ASSEMBLEIA DA TRADIÇÃO DRUÍDICA LUSITANA

<https://www.atdlusitana.org/>

<b>Êubage</b>	Amieiro Bétula
<b>Chefe Dragano</b>	Teixo Faia
<b>Sacerdote Druida Hieróskopo Sacerdotisa Druida Hieróskopo</b>	Sobreiro  Azinheira
<b>Sacerdote Arqui-Druida Sacerdotisa Arqui-Druida</b>	Pai-Carvalho  Mãe-Oliveira
<b>Eleito ou Chefe da Egrégora</b>	Zambujeiro

## Fontes Bibliográficas:

- ADGATIA VATOS; «Porquê Espiritualidade Atlântica», in *A Revista da Tradição Lusitana – A Espiritualidade Hiperbórica*, Centro Druídico da Lvsitânea - Assembleia da Tradição Lvsitana, Número 2, Maio, 2017, pp.26-53.
- ARHUANIË ADALTENA; «Da Sabedoria das Árvores – Parte I Aprendendo a *Árvore-Lusitana*: breve reflexão sobre possibilidades de renovação», in *A Revista da Tradição Lusitana – A Espiritualidade Hiperbórica*, Centro Druídico da Lvsitânea - Assembleia da Tradição Lvsitana, Número 2, Maio, 2017, pp. 141-151.
- /\ ADGNATIOS, «Da sabedoria das Árvores – ou dos ramos que afinal eram galhos», publicado no grupo da ATDL a 13 de Novembro de 2016.
- /\ ADGNATIOS; *Opúsculo Teogénico Dos Caminhos (In)Criados de Nwyre*, Bubok Publishing, Espanha, 2016.
- /\ ADGNATIOS; «Afluentes de um Bem-Maior: A Tradição Primordial como Centro Gravítico de produção e transmissão de Sapiência ou Fluxo de Sentido Benfazejo pelos Tempos», in *A Revista da Tradição Lusitana - A Espiritualidade Hiperbórica*, Centro Druídico da Lvsitânea - Assembleia da Tradição Lvsitana, Número 2, Maio, 2017, pp. 15-25.
- /\ ADGNATIOS; «Ética Espiritual Céltica: Valores Intemporais para Tempos Actuais», comunicação apresentada nas VI Jornadas Galaico-Portuguesas de Pitões das Júnias, a 13 de Maio de 2017.
- CELIOS; «La voie du Vate: la voie Lunaire», in *A Revista da Tradição Lusitana – A Espiritualidade Hiperbórica*, Centro Druídico da Lvsitânea - Assembleia da Tradição Lvsitana, Número 2, Maio, 2016, pp.64-71.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain; *Dicionário dos Símbolos – Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Teorema, Lisboa, 1994.
- CUNHA, A. Proença da; Ribeiro, José Alves; Roque, Odete Rodrigues; *Plantas Aromáticas em Portugal: Caracterização e Utilizações*; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2009.
- ENCARNAÇÃO, José; «Eburobriga, "Cidade" do Teixo», in *Revista do Museu de Arqueologia Municipal José Monteiro*, Fundão, 2008, no 5, pp. 109-120.
- MORAIS, Gabriela; *Lisboa Guarda Segredos Milenares – Santa Brígida, Uma Deusa Céltica no Lumiar*, Apenas Livros, Lisboa, 2011.
- ARHUANIË ADALTENA – “DA SABEDORIA DAS ÁRVORES PARTE II: ARBUSTOS E ÁRVORES DA LVSITÂNEA: EXEMPLOS DE VIRTUDE PARA UMA EGRÉGORA LUSITANA”, IN *A REVISTA DA TRADIÇÃO LVSITANA Nº3 - O REDESPERTAR DA PAN-CÉLTIA*, NOVEMBRO 2017, PP. 52-65.



# ASSEMBLEIA DA TRADIÇÃO DRUÍDICA LUSITANA

<https://www.atdlusitana.org/>

- PINTO, Joaquim; *Espiritualidade Hiperbórica*, 1ª Edição, Bubok Publishing S.L, Junho 2012.

- ARHUANIË ADALTENA – “DA SABEDORIA DAS ÁRVORES PARTE II: ARBUSTOS E ÁRVORES DA LVSITÂNEA: EXEMPLOS DE VIRTUDE PARA UMA EGRÉGORA LUSITANA”, IN *A REVISTA DA TRADIÇÃO LVSITANA Nº3 - O REDESPERTAR DA PAN-CÉLTIA*, NOVEMBRO 2017, PP. 52-65.